



**ENAN  
PUR 2023**  
Belém 22 a 26 de maio



## **A[s] cidade[s] em que habito: BH/MG para além dos horizontes institucionais, próprios e particulares**

**Jessica de Castro Santana**  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

### **Sessão Temática 07: [Socio] tecnologia para o planejamento urbano e regional**

---

**Resumo.** O período de crise sanitária covid-19 fez com que as pessoas precisassem ter uma relação diferenciada com a cidade e a não presença cotidiana nela estimulou uma pesquisa pessoal que foi instigada pela valorização da escala do corpo e a construção de urbanidades na esfera da vizinhança/ bairro. A partir de uma análise teórica sobre a filosofia da prática como alternativa de subverter processos de invisibilidade social e segregação urbana, além de enaltecer urbanidades distintas e semelhantes em territórios diversos, busco as histórias não contadas, as práticas cotidianas e outras maneiras de apropriação e pertencimento de grupos sociais e indivíduos que não se inserem dentro do recorte territorial de eixo central ou aqueles que estão nessa região, mas produzem uma relação subversiva e distinta a imposta há mais de um século em Belo Horizonte/MG. Assim, esse artigo estimula a valorização do “conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido as nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso”, como diria Santos; colocando essas percepções como norte propositivo e participativo para melhorias urbanísticas.

*Palavras-chave.* Planejamento urbano; segregação; urbanidades; assessoria.

#### **Tradução do título em inglês**

---

**Abstract.** The period of the covid-19 health crisis made people need to have a differentiated relationship with the city and the non-presence in it every day stimulated a personal research that was instigated by the appreciation of the scale of the body and the construction of urbanities in the sphere of the neighborhood/ district. From a theoretical analysis on the philosophy of practice as an alternative to subvert processes of social invisibility and urban segregation, in addition to praising different and similar urbanities in different territories, I seek untold stories, everyday practices and other forms of appropriation and belonging of social groups and individuals that do not fall within the territorial area of the central axis or those that are in this region, but produce a subversive and distinct relationship from the one imposed over a century ago in Belo Horizonte/MG. Thus, this article encourages the appreciation of "ordinary or vulgar knowledge that we, individual or collective subjects, create and use to give meaning to our practices and that science insists on considering irrelevant, illusory and false", as Santos would say; placing these perceptions as a propositional and participative guide for urban improvements.

*Keywords:* Urban planning; segregation; urbanities; assistance.

#### **Tradução do título em espanhol**

---

**Resumen.** El período de la crisis sanitaria del covid-19 hizo que las personas tuvieran la necesidad de tener una relación diferenciada con la ciudad y la no presencia en ella todos los

días estimuló una búsqueda personal que fue instigada por la apreciación de la escala del cuerpo y la construcción de urbanidades. en el ámbito del barrio/ distrito. A partir de un análisis teórico sobre la filosofía de la práctica como alternativa para subvertir procesos de invisibilidad social y segregación urbana, además de enaltecer urbanidades diferentes y similares en diferentes territorios, busco historias no contadas, prácticas cotidianas y otras formas de apropiación y pertenencia de lo social. grupos e individuos que no caen en el ámbito territorial del eje central o que están en esta región, pero producen una relación subversiva y distinta a la impuesta hace más de un siglo en Belo Horizonte/MG. Así, este artículo incentiva la apreciación de "conocimientos ordinarios o vulgares que nosotros, sujetos individuales o colectivos, creamos y utilizamos para dar sentido a nuestras prácticas y que la ciencia se empeña en considerar irrelevantes, ilusorios y falsos", como diría Santos; situando estas percepciones como una guía propositiva y participativa para las mejoras urbanas.

*Palabras clave:* Urbanismo; segregación; urbanidades; consultivo.

## 1. O processo de exclusão urbana que se desdobra a décadas

De acordo com Mendonça *et al.* (2022),

Belo Horizonte é uma cidade que nasceu marcada pela segregação e pela ocupação periférica. Desde seu plano original, não havia previsão de um espaço para abrigar seus trabalhadores nas áreas centrais, na época denominadas Zona Urbana. Às classes populares foram destinadas as áreas periféricas, na Zona Suburbana. O processo especulativo de retenção de terras começou muito cedo, e quinze anos após a inauguração da capital, enquanto a área central estava longe de ser totalmente ocupada, dois terços da população viviam fora dela, em loteamentos que se davam muitas vezes de maneira informal. (MENDONÇA *et al.*, 2022, p. 14)

A partir desse elemento introdutório e estimulada por questionamentos como “a história da produção continuada da cidade surge com o marco temporal da inauguração?”, levantada na dissertação de mestrado de Lisandra Mara (2018) e que segue um raciocínio instigado por subverter a narrativa hegemônica da historiografia belorizontina, é visível que o processo de exclusão urbana tem seu início em diversas frentes e segue sendo perpetuado. Silva (2018) compartilha que

as histórias contadas sobre a cidade criada para ser a Capital de Minas, não raras vezes, iniciam-se com a determinação da transferência da capital pelo então presidente de Estado, Afonso Pena. Nove anos após a abolição da escravidão e oito após a instituição da república, figura como marco inicial a inauguração em 1897 – sob os signos da modernidade e do liberalismo – da cidade que se sobrepõe ao Arraial do Curral Del Rei. (SILVA, 2018, p. 109)

Esse processo histórico de invisibilidade e controle social no desenvolvimento urbano não é algo específico de BH, mas uma característica recorrente nas cidades brasileiras. Milton Santos conceitua bem essa lógica dizendo que “o capital estabelece fluxos próprios hierarquizando espaços com a distribuição desigual dos recursos disponíveis. Tal distribuição não é aleatória, mas produto do tipo de fluxo necessário para a reprodução do capital” (D’ANDREA, 2022, p. 10). Dessa maneira, no caso da cidade em questão, essa reprodução capitalista foi moldada para ocorrer de maneira mais ativa dentro dos limites da Avenida do Contorno, abarcando um grupo social específico, dentro daquele pequeno espaço limitado, representado pela elite econômica e social da época; e que permanece bem demarcado na atualidade.

Considerando que, do ano de 1897 até 2022, já se passaram 125 anos da construção de um discurso oficial da nomeada Belo Horizonte e que ainda há muitos pontos de vista desse processo de desenvolvimento territorial,

espraiamento urbano e urbanização que não foi compartilhado, pesquisado e valorizado como Silva (2018) reforça, “entende-se que a história que vem sendo criada para preencher as lacunas surge como a ‘filosofia da prática’ sugerida por Sousa Santos (1988) como alternativa ao paradigma dominante” (SILVA, 2018, p. 110).

Para além de base analítica e de construção de uma reflexão crítica, a discussão iniciada acima foi estímulo para buscar as histórias não contadas, as práticas cotidianas e outras maneiras de apropriação e pertencimento de grupos sociais e indivíduos que não se inserem dentro desse recorte territorial específico ou aqueles que estão nessa região, mas produzem uma relação subversiva e distinta daquela imposta há mais de um século.

## 2. A filosofia da prática

Conceito cunhado por Boaventura de Sousa Santos (1988) e que desencadeia questionamentos sobre a relação entre práticas técnicas e/ou científicas *versus* o “valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido as nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso” (SANTOS, 2018).

Uma das reflexões que ele coloca e que conversa com o processo anteriormente mencionado de invisibilização de práticas cotidianas de grupos sociais e indivíduos que não são vistos como importantes e valorizados no processo de planejamento urbano é: qual o “papel de todo o conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático das nossas vidas (2018)”?

Por meio dessa discussão, é possível fazer um retorno ao processo de construção e aplicação de legislações e execuções de obras, assim como o olhar que é dado aos moradores periféricos e fora da região centro-sul ou favelados no processo de participação ativa no desenvolvimento urbano e direcionamento de melhorias urbanísticas em escalas variadas, inclusive àquelas que não são vistas em mapas e mensuradas por processos engessados de análise estatística. Será que os profissionais da área estão tendo espaço e interesse em se conectar mais com a população para pensar em proposições que reverberam positivamente na vida daqueles moradores ou o olhar técnico que permanece presente mantém as hierarquias e distinções entre conhecimento científico e conhecimento vulgar?

Para Sousa Santos (2018), é necessário que haja o paradigma emergente, àquele que se anuncia no horizonte, “por isso, ao falarmos do futuro, mesmo que seja de um futuro que já nos sentimos a percorrer, o que dele dissermos é sempre o produto de uma síntese pessoal embebida na imaginação”.

A partir disso, é necessário que “para pensar o urbano, retiramos o olhar sobre a totalidade para refletir sobre os atores que o fazem e os regimes de urbanidade que guiam suas ações, práticas e projetos” (OLIVEIRA, 2015), reforçando uma leitura sobre cidade como construção cultural de múltiplos atores, pertencimentos e apropriações.

### 3. Tecnologia de Inclusão Social (TIS) e a valorização das urbanidades cotidianas

A partir da discussão posta sobre o processo de segregação socioespacial e racial, é importante que haja uma busca e desenvolvimento de tecnologias, projetos e práticas profissionais dentro do campo do urbano que prevejam as formas de inclusão social das pessoas, grupos e classes sociais, como uma das maneiras de reparação histórica e de possibilitar cidades mais justas e equitárias.

É importante que a consciência sobre o desenvolvimento das cidades brasileiras, que têm seus pilares na autoprodução, urbanização informal e autoconstrução consiga reverter a lógica de carência e exclusão existente na organização territorial presente de maneira massiva no Brasil. Não ignorando que os desafios são muitos e complexos dentro de um sistema capitalista que produz e continua perpetuando essa lógica urbana, mas é necessário que os profissionais da área de planejamento urbano consigam ter uma prática que inclua os saberes e estratégias do cotidiano de territórios periféricos – tanto dos moradores, quanto de outras áreas profissionais que tem relação direta com as demandas e ações nessas localidades –, que sobrevivem produzindo alternativas criativas em paralelo a inexistência, muitas vezes, do Estado.

Tendo isso em vista, a cidade demonstra suas camadas de complexidade que envolvem elementos palpáveis e invisíveis a olho nu. Como diria Souza *et al.* (2020)

todavia, a cidade não é apenas sua materialidade, sua *Urbe*. É também suas relações sociais, as formas de contato, o conteúdo dos encontros e ações comuns no espaço público, as relações de cooperação e solidariedade, enfim, as relações comunitárias. [...] Tudo isso se revela como *Polis*, que assume então a experiência de uma comunidade de sentido, de reconhecimento dos sujeitos como pertencentes a espaços de convivências plurais. (SOUZA *et al.*, 2020, p.19)

Como os próprios autores colocam, esse conjunto de práticas e relações é construído a partir do que eles definem como “Pedagogia da Convivência” (SOUZA *et al.*, 2020, p. 20). Semelhante, poderia ser também nomeada como Tecnologia de Inclusão Social (TIS), visto que é considerado como “práticas preexistentes, práticas processuais e práticas emergentes” (MITIDIARI, 2021). Consequentemente,

as práticas de TIS, por outra parte, não são novas. As comunidades têm desenvolvido formas de relacionamento com seu entorno desde muito antes que essas foram conceituadas como tal. A discrepância entre a teoria puramente discursiva e a teoria imbuída de práticas gerou interesse em compreender como as categorias são acionadas em contextos e por atores diferentes. (MITIDIARI, 2021)

Tendo como norte uma prática profissional com noções de uma educação libertadora, que propõe também inserir ações com mais diálogo, estratégias mais próximas da sociedade e, diria até, que com uma presença maior de um olhar de assessoria técnica, a valorização das urbanidades cotidianas em conjunto com a TIS pode ser um passo importante e uma estratégia a mais para um trabalho em áreas que carecem de presença urbanística menos impositiva e com mais construção conjunta e participativa a partir do olhar de sujeitos múltiplos e que demandam dessa abertura para uma escuta ativa, além de serem reconhecidos como importantes no processo de desenvolvimento da cidade, de seus territórios e na presença de seus corpos produzindo urbanidades.

#### 4. A[s] cidade[s] em que habito

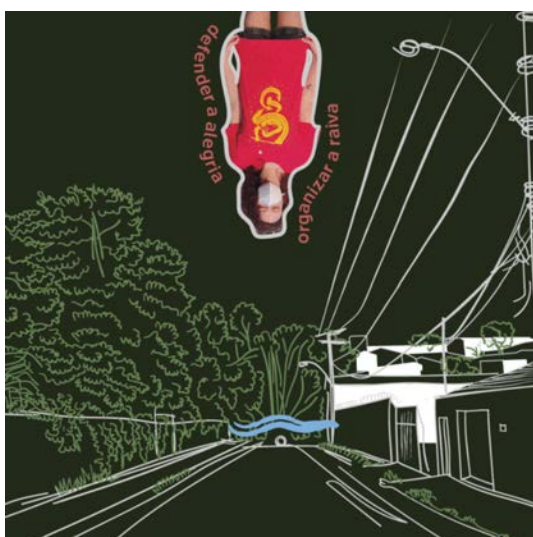


Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

**Figura 1.** Ilustração feita pela autora representando relação com o bairro Miramar, na regional Barreiro, em BH/MG;

**Figura 2.** Ilustração feita pela autora representando relação com o bairro Jardim Leblon, na regional Venda Nova, em BH/MG;

**Figura 3.** Ilustração feita pela autora representando relação com o bairro Xodó Marize, na regional Norte, em BH/MG;

**Figura 4.** Ilustração feita pela autora representando relação com a divisa do bairro União com bairro Cidade Nova, na regional Nordeste, em BH/MG.

O período de crise sanitária covid-19 fez com que as pessoas precisassem ter uma relação diferenciada com as cidades e a ruptura abrupta com os cotidianos construídos em Belo Horizonte estimulou a pesquisa pessoal ilustrada em alguns recortes selecionados acima – os quais mesclam fotografia com observações textuais, construindo um olhar mais afetivo do meio urbano –, a qual foi instigada

pela valorização da escala do corpo e a construção de urbanidades na esfera da vizinhança/ bairro.

Utilizando Certeau como uma das referências na construção desse projeto, a reflexão que ele levanta “sobre as práticas ordinárias, aproximando-as dos ‘modos de fazer’ das pessoas comuns, atento às diversas maneiras pelas quais fazem uso de regras e convenções impostas por uma ordem social e economicamente dominante” (PEREIRA; MACHINI, 2016) se encontra com o debate desenvolvido ao longo desse texto, mas, ao mesmo tempo, desemboca em construções visuais do processo de pertencimento, apropriação, leitura do lugar e rebeldias na nanoescala contra as imposições urbanísticas de carências e extravasamentos (materiais e subjetivos).

Essa tentativa de dar algum espaço para observações rotineiras, além de ser um projeto que se propõe a ocorrer de maneira colaborativa e transdisciplinar, busca também ser uma alternativa de enaltecimento dos territórios que normalmente são permeados pela falta de “holofotes institucionais” e presença de carências urbanísticas. Pensar em planejamento urbano de uma maneira imaginativa, possível a qualquer cidadão – não restringir somente àquelas e aqueles que possuem uma formação profissional voltada ao assunto – e sem hierarquia de narrativas, mas construindo outras estratégias para sensibilizar as pessoas sobre consciência urbanística e sua relação com o entorno é algo que pode ser muito potente para a política urbana e em processos participativos e coletivizados.

A leitura do autor investigando um dos campos corriqueiros de análise, o espaço, “o caminhar pela cidade como um modo de ‘praticar o espaço’ e apropriar-se do traçado urbano, não previsto pelos planos urbanísticos” (PEREIRA; MACHINI, 2016) pode ser visto e exemplificado em relatos compartilhados por colaboradoras e colaboradores do projeto “A[s] cidade[s] em que habito”, que vem sendo desenvolvido desde 2020.

#### *4.1. Cotidiano da figura 1 – regional Barreiro, em BH/MG*

Relato da colaboradora 1:

“Foi acolhedor e, até mesmo surpreendente, lembrar tantas boas vivências e reconhecer que meu ser sempre foi instigado por percorrer a malha urbana barreirense desde criancinha com olhos curiosos.

Visto isso, escolho o meu ponto de partida cotidiano ao me desvincular de casa: a minha rua. Sem saída, com contato direto com o Córrego do Barreiro ao fundo, com mata próxima, silêncio amigo quase constante, com conexão direta à área de lazer local e elemento marcante em várias fases da minha vida; mas também de insegurança noturna em muitos momentos, iluminação pública ruim e, nos últimos tempos, com a presença frequente da população de rua que aumenta no bairro.

Permite ser horizonte para que eu desbrave diariamente outras localidades, desafios, desenvolva lutas, cresça e volte para casa. Possibilita meu acesso ao

externo para que eu possa ‘defender a alegria e organizar a raiva’ dentro e fora da minha zona de conforto.

O tempo passa, a vizinhança antiga começa a ter outros desejos e, aos poucos, vejo por essa mesma rua meu bairro ir se transformando. Só espero que daqui um tempo, eu volte e reconheça todos esses capítulos afetivos sem estarem perdidos em uma nova configuração da paisagem local.”

#### *4.2. Cotidiano da figura 2 – regional Venda Nova, em BH/MG*

Relato do colaborador 2:

Fiz uma foto conceitual aqui no Campo do Leblon, que fica ao lado do meu prédio (esse prédio rosa no fundo da foto). Ele é um dos poucos espaços públicos de lazer aqui do bairro e é onde as pessoas vão pra praticar esportes, soltar papagaio ou fumar maconha mesmo.

É um espaço que fica aberto 24hrs e na verdade não passa de um grande terreiro a céu aberto com as traves de futebol. Mas tem um valor simbólico no bairro enquanto marco na paisagem e por ser um espaço livre público que se manteve ao longo dos anos (mais de 30 anos).

É um espaço em que o sol bate mais forte, mais livre e mais quente. Por isso vim com o conceito de “banho de sol”, que dialoga bastante com a questão do confinamento.

Espero que faça sentido pra você, assim como faz pra mim.”

#### *4.3. Cotidiano da figura 3 – regional Norte, em BH/MG*

Relato da colaboradora 3:

"Localizado na região que mais cresce em Belo Horizonte, a Norte, ele é residencial, afastado do Centro e ainda com bastantes áreas verdes, o que me permite chamar alguns cavalos e vacas de vizinhos.

O bairro está na divisa da capital mineira, sendo ligado ao Centro por uma das avenidas mais importantes e movimentadas da cidade, a Avenida Cristiano Machado. Ele está bem ali, entre o que consideramos urbano e o que consideramos rural, nesse meio termo meio louco, com trânsito e cantos de maritacas e galos pela manhã.

Na busca pela minha foto, tentei registrar essas divergentes características. Foi quando um garoto, andando de bicicleta, passou em frente ao muro que eu fotografava, se intrometendo de forma peculiar na foto. Sua aparição deu toda uma movimentação em uma imagem que antes seria totalmente estática, formando a disparidade exata que eu desejava (e aqui vai um grande obrigada a esse desconhecido).

Xodó Marize está ali, entre o centro e o interior, não é isso nem aquilo, me permite ter uma vida movimentada, mas também certos momentos de calma quando preciso. Um xodó."

#### 4.4. Cotidiano da figura 4 – regional Nordeste, em BH/MG

Relato da colaboradora 4:

"Acabou que escolhi essa porque acredito que ela ilustra não só o meu bairro, mas um pouco da nossa vida cotidiana e as diferenças de escala de velocidade de um caminhante e de um carro.

Gosto dela porque são vários fragmentos de instantes em um só lugar! Isso possibilita comparar o tempo da calçada e o tempo da rua e, com isso, como experimentamos a cidade.

Eu moro na divisa do bairro União com Cidade Nova há 15 anos e ao longo desse tempo, o que eu percebi é como a lógica do bairro Cidade Nova vem invadindo o bairro União. O que era um bairro marcado pelos terreiros de umbanda, comércios pequenos e casas, passa por uma transformação, hoje em dia, com grandes supermercados, edifícios e igrejas evangélicas. Junto com essas mudanças, veio também: aberturas de vias expressas nos arredores dos bairros, aumento dos estacionamentos, mudanças de trânsito e intensificação do tráfego de veículos.

As ruas, onde, antigamente caminhavam pessoas e alguns poucos carros, passam a ser lugar exclusivo de veículos automotores, enquanto os pedestres ficam limitados às calçadas irregulares e estreitas."

### 5. Considerações finais

A partir da discussão levantada, há uma tentativa de propor novas maneiras menos hegemônicas e hierárquicas, e mais coletivizadas e afetivas no processo de conscientização urbanística para almejar – e atingir – processos mais amplos que consigam desenvolver outras práticas e melhores de pensar e produzir política urbana.

Assim, é visível a importância de se refletir e desenvolver ações efetivas que estejam alinhadas a uma [sócio] tecnologia ou Tecnologia de Inclusão Social (TIS) que esteja atrelada a uma responsabilidade em visualizar grupos sociais e indivíduos historicamente taxados como inferiores em uma outra lógica: do olho no olho, de valorização e fortalecimento da percepção imaginativa de melhorias territoriais, mesmo sob condições adversas, mas que estimule a consciência urbanística e de estímulo de uma relação mais saudável para reparações históricas reais e com prospecção de cidades mais justas.

Finalizo com SANTANA (2022), que compartilha que

são essas apropriações e permanências, normalmente pouco valorizadas ou invisibilizadas por um olhar mais mecânico sobre “como a cidade deveria ser” que precisam ser absorvidas e ter uma atenção especial para auxiliarem em estratégias e propostas mais condizentes com a realidade local. Como já diria Simas, “um lugar não se limita à matéria



de seus alicerces. Nele estão amalgamados memórias, aspirações, anseios, sonhos, alegrias e invenções da vida de incontáveis gerações.” (SIMAS, 2019, p.90)

## Referências

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. São Paulo: Editora Dandara, 2022. p. 9-12.

MITIDIERI, Lucia Antonela. “Tecnologia de inclusão social como prática descolonizadora”. In: **Revista Indisciplinar**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura e Urbanismo. Vol. 4, N. 1. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/32894>>. Acesso em: 23 dez. 2022.

MENDONÇA, Jupira; ANDRADE, Luciana T. de; FERRARI, Júnia; CANNETTIERI, Thiago. **Reforma urbana e direito à cidade**: Belo Horizonte. Belo Horizonte: Letra Capital, 2022.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. “A SAGMACS no Brasil e o planejamento urbano em Belo Horizonte (1958-1962)”. In: **História e Cultura**. Franca: PPGH-UNESP. Vol. 4, N. 1. p.2.

PEREIRA, Bruno Ribeiro da Silva & MACHINI, Mariana Luiza Fiocco. 2016. “A invenção do cotidiano”. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/invencao-do-cotidiano>>. Acesso em: 22 dez. 2022.

SANTANA, Jessica de Castro. “Da “visão de pássaro” para a escala do corpo: a potência de planos locais em vilas e favelas”. **ENANPUR**, 2022. Disponível em: <[https://www.sisgeenco.com.br/anais/enanpur/2022/arquivos/GT10\\_SEM\\_882\\_728\\_20211217000303.pdf](https://www.sisgeenco.com.br/anais/enanpur/2022/arquivos/GT10_SEM_882_728_20211217000303.pdf)>. Acesso em: 23 dez. 2022. Acesso em: 22 dez. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. In: *Construindo as epistemologias do sul: para um pensamento alternativo de alternativas*. Buenos Aires: CLACSO, 2018. p. 31-67.

SILVA, Lisandra Mara. **Propriedades, negritudes e moradia na produção da segregação racial da cidade: cenário Belo Horizonte**. Dissertação (mestrado) – UFMG. Belo Horizonte, 2018. p. 109-110.

SIMAS, Luis Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SOUZA, Jailson de; BARBOSA, Jorge Luiz. SIMÃO, Mário Pires. **A favela reinventa a cidade**. Rio de Janeiro: Mórula: EdUniperiferias, 2020. p. 19-20.